

# Esquina Sistina – Dentre inúmeras numinosidades, seis canções con-sagradas

Sistine Corner – Among countless numinosities, six consecrated songs

José Lima Júnior<sup>1</sup>

## RESUMO

---

2022 marca um tempo de lembranças e comemorações. Cem anos da Semana de Arte Moderna. Oitenta anos do Nascimento de Milton. Cinquenta anos do álbum “Clube da Esquina”. Às vezes acontece de a cultura, através de sua arte, se prestar a invenções tão densas e determinantes que chegam a representar uma sacralidade, ainda que secularizada. Recordar e festejar são movimentos do coração. Buscam legitimações e motivações ao viver e ao morrer. Compõem fagulhas de alguma eventual numinosidade. Mesmo sem o múnus consagrado das instituições míticas e mágicas, há canções que tangenciam o tremendo mistério, o inefável fascínio, o encantamento potente. É desse lado da pesquisa sobre Religião e Música que este artigo quer provocar leituras e reações.

---

**Palavras-chave:** Memória. Música Popular Brasileira. Espiritualidade.

---

## ABSTRACT

---

2022 marks a time of memories and celebrations. One hundred years of the Modern Art Week. Eighty years of Milton Nascimento's birth. Fifty years of the album “Clube da Esquina”. Sometimes it happens that culture, through its art, lends itself to inventions so dense and decisive that they come to represent a sacredness, even if secularized. Remembering and celebrating are movements of the heart. They seek legitimations and motivations in living and dying. They compose sparks of some eventual numinosity. Even without the consecrated role of mythical and magical institutions, there are songs that touch the tremendous mystery, the ineffable fascination, the powerful enchantment. It is from this side of the research on Religion and Music that this article wants to provoke readings and reactions.

---

**Keywords:** Memory. Popular Brazilian Music. Spirituality.

---

*“Tudo que move é sagrado  
E remove as montanhas  
Com todo o cuidado”  
Ronaldo Bastos*

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 1993). Professor aposentado. Pesquisador autônomo. E-mail: joselimajunior22@gmail.com.

## 1. Estola & spalla

Lembro, nessas notas iniciais, a pergunta de Noel Rosa: *com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?*<sup>2</sup> Sim, eu me questiono: qual seria dentro de uma indumentária epistêmica o traje dissertativo recomendável para meu artigo no baile a rigor acadêmico desse dossiê? Aliás, já com alguma impertinência, ao tomar a palavra pela cintura do pronome da primeira pessoa assumo uma forma de expressão suscetível às críticas, contradições e declinações (portanto, nesse aspecto da recusa, ainda dá tempo de você descartar sua leitura).

Na ementa que serviu de parâmetro para esse número da Revista Numen encontrei uma roupagem que me pareceu atraente: *serão bem-vindos, portanto, artigos que enfrentem a questão [Religião e Música] em sua complexidade e amplitude.*<sup>3</sup> Ou seja, no closet dessa suíte investigativa vislumbrei que valseiam disponíveis gavetas, prateleiras e cabides com caracterizações irreduzíveis ao simplismo e à escassez. E aproveitando essa generosa abertura para uma variação/articulação interdisciplinar (compreendendo para além da *Ciência da Religião, a musicologia, a etnomusicologia, a estética, a poética, os estudos de liturgia, a teologia e a filosofia da música, a sociologia, entre outras*<sup>4</sup>), vou vestir como sintagma – na acepção semiológica de Roland Barthes<sup>5</sup> – peças da estética e da poética *entre outras*: memória, música popular brasileira e espiritualidade.

Meu instrumental teórico-metodológico busca, quem sabe, uma posição no conjunto dos artigos deste número da Numen ciente de sua eventual dissonância, executando algo meio desafinado – e *quero que você saiba que isto em mim provoca imensa dor, afinal eu possuo apenas o que Deus me deu.*<sup>6</sup> Porém me defendo em consonância com uma frase pautada no primeiro compasso da ementa: *Música e religião caminham juntas, intensamente, ainda que nem sempre de modo pacífico.*<sup>7</sup> Seja como for, tento orquestrar naipes do jornalismo, da crônica, da crítica de canções, da antropologia filosófica, da semiótica da cultura, da ludicidade, do humor, da amizade etc. Assim, apoiado nesse ombro (spalla) de suposta afinação epistêmica, espero montar um desfile com o que imagino combinar com uma estola sagrada-pelo-movimento, com uma estola que agrada-pelo-movimento...

<sup>2</sup> *Com que roupa?* Título e refrão do saboroso samba de Noel Rosa (1910-1937), composto em 1930.

<sup>3</sup> Chamada para artigos no <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/announcement/view/601>.

<sup>4</sup> Trecho da ementa do dossiê, conforme link da nota anterior.

<sup>5</sup> Numa semiologia do texto não-verbal, pode-se exemplificar como alguém orna/compõe/veste/traja seu *sintagma* a partir da escolha/seleção no conjunto de *paradigmas/sistemas* disponíveis em um determinado armário: essa calça, essa saia, esse vestido, essa blusa, essa camisa, essa meia, esse calçado, esse paletó, essa gravata, esse chapéu, esse lenço etc. Para maiores considerações, conferir *Elementos de Semiologia* de Roland Barthes (2006, p. 28-30, 67).

<sup>6</sup> Ecoando a canção “*Desafinado*” de Tom Jobim & Newton Mendonça, de 1959.

<sup>7</sup> Primeira afirmação da ementa <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/announcement/view/601>. Acesso em: 29 set. 2022.

Quanto ao sentido do que representa o sagrado, aproveito um trecho da obra seminal de Rudolf Otto. Aí entendo cabível a compreensão do caráter numinoso que, dentre outras acepções e aplicações, guarda algum paralelo com a especificidade desse dossiê. Com efeito, é com Religião & Música que se tangenciam Mistério & Fascínio. Esse roçar invade a pnêumica do corpóreo arrepiando uma espiritualidade *sui generis*.

Agora convido você a acompanhar Rudolf Otto sem seguir seus passos fiel e inteiramente. Explico fazendo uma sugestão: você vai ler o que esse incrível alemão escreveu, mas não deverá acreditar que suas palavras preservam uma restrita conotação: aquela que sintetiza o fundamento do fenômeno religioso. Isso porque tento oferecer um alargamento: mais que a religião, há o conjunto da religiosidade; e maior que a coleção da religiosidade, ocorre a espiritualidade; e a extensão da espiritualidade ultrapassa os recantos culturais cercados das formas religiosas. Essa espiritualidade (que gosto de chamar *pnêumica*) congrega invenções inimagináveis *a priori*. Ou seja, dá pra gente viajar e se perder por outras veredas e picadas – igualmente interessantes (aposto que sim!) (e espero brincar com isso mais adiante...). Então transcrevo, por enquanto e respeitosamente, essas poucas palavras do imprescindível Rudolf Otto (com meus negritos):

Toda a história da religião atesta essa harmonia contrastante, esse duplo caráter do numinoso, começando no mínimo pelo estágio do “receio demoníaco”. **Trata-se, na verdade, do mais estranho e notável fenômeno na história da religião.** O que o demoníaco-divino tem de assombroso e terrível para a nossa psique, ele tem de sedutor e encantador. E a criatura que diante dele estremece no mais profundo receio sempre também se sente atraída por ele, inclusive no sentido de assimilá-lo. O mistério não é só o maravilhoso [*wunderbar*], mas também aquilo que é prodigioso [*wundervoll*]. **Além de desconcertante, é cativante, arrebatador, encantador, muitas vezes levando ao delírio e ao inebriamento – o elemento dionísaco entre os efeitos do nume.** Este chamaremos de aspecto “fascinante” [*Fascinans*] do nume. (OTTO, 2007, p. 67).

Em relação ao que a Música pode condensar de sagrada-naquilo-que-agrada, você deve ter intuído pela leitura do resumo acima que vou caminhar sobre os paralelepípedos desses parágrafos assobiando uma prazerosa celebração aos 50 anos do álbum duplo *Clube da Esquina*, gravado em 1972 pela turma do Bituca (Milton Nascimento). A bem da verdade, desse álbum comentarei muito resumida e rapidamente no finalzinho do artigo apenas quatro canções (*Cais, San Vicente, Paisagem da janela, Nada será como antes*) e a elas pretendo justapor outras duas gravadas noutros discos (de 1970 e de 1979) que têm por títulos justamente *Clube da Esquina*. Espero que esse procedimento delimitador indique o meu embaraço. Por maior e mais determinado que seja meu desejo de proceder uma análise condigna, admito ser impossível dar conta de toda eventual numinosidade empacotada em 21 faixas do álbum duplo de 1972. Nem mesmo com a ajuda dos discos de 1970 e 1979 tal empreitada lograria êxito, ainda que

mínimo. Portanto, você está lendo um artigo que professa incompletudes, imprudências e inseguranças. Azar. É o que temos pra hoje.

Acho que do meu jeito (melhor dizendo, trejeito) esse artigo ligeiro também acompanha a série de merecidas homenagens ao carioca caracterizado com a melhor mineiridade<sup>8</sup> na Música Popular Brasileira (MPB) – Milton Nascimento – homenagens pela chegada ao 80º aniversário neste 2022. E dessa maneira tomo como minhas as palavras do crítico Andy Beta que, acredito, apontam uma espécie de encontro feliz entre o numinoso e a arte do Bituca: *A música de Milton Nascimento vai do terreno ao angelical, ela é ao mesmo tempo misteriosa e simples, assombrosa e sublime.*<sup>9</sup>

Quanto à Semana de Arte Moderna... Ôxe! Desculpa. Não vou discorrer neste artigo. Apenas me serviu de pretexto para lembrar o quanto aquela turma reunida em fevereiro de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo deve ter sido impactada pelas artes, especialmente no segmento da música, com as peças de Heitor Villa-Lobos e Debussy. A brasilidade e o impressionismo, sem dúvida, estão no cerne do álbum “Clube da Esquina” – uma lufada moderno-contemporânea sob a regência carismática de Milton Nascimento.

---

<sup>8</sup> Só para aproveitar um breve trecho sobre sua biografia no site da Wikipedia, transcrevo: *Milton nasceu em uma favela do bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro [26/10/1942]. Filho da empregada doméstica Maria do Carmo do Nascimento, que fora abandonada grávida por seu primeiro namorado. Maria do Carmo registrou o filho como mãe solteira. Mesmo muito pobre, tentou criar Milton, com ajuda de sua mãe, viúva, também empregada doméstica, mas, ainda muito jovem, entrou em depressão, e morreu de tuberculose antes de Milton completar dois anos. Milton ficou entregue aos cuidados da avó.*

*Uma das duas filhas do casal para o qual sua avó trabalhava, a professora de música Lília Silva Campos [1922-1998], era recém-casada e não estava conseguindo engravidar. Imediatamente, Lília apegou-se a Milton e propôs adoptá-lo. A avó concordou, desde que o trouxessem para ela vê-lo algumas vezes e não tirassem o nome da sua mãe do registro. O casal concordou e Milton foi então adotado por Lília e seu marido Josino Campos [1917-2010], dono de uma estação de rádio. A família mudou-se para Três Pontas, em Minas Gerais. Por alguns anos ele [Milton Silva Campos Nascimento] foi filho único. Mesmo fazendo tratamento, Lília não engravidava. O casal, então, passou a visitar orfanatos e adotou um menino [Luiz Fernando Pita] e, poucos anos depois, uma menina [Elisabeth Aparecida Silva Campos]. O casal só teve uma filha biológica [Jaceline Silva Campos, Basílio], alguns anos depois. Milton sempre soube ser adotado, assim como seus irmãos. Foi apelidado de "Bituca" ainda criança, por fazer um bico quando estava contrariado, numa referência aos índios botocudos. Milton começou a gostar de música por influência da mãe, que havia estudado com Villa-Lobos. Aos quatro anos, ganhou uma sanfona de dois baixos, e desde cedo explorou sua voz. Aos 13 anos, era crooner do conjunto Continental de Duílio Tiso Cougo, grupo musical de baile de Três Pontas.*

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton\\_Nascimento](https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Nascimento). Acesso em: 02 out. 2022.

<sup>9</sup> *The music of Milton Nascimento ranges from the earthy to the angelic, both mysterious and plainspoken, haunting, and sublime.* Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/milton-nascimento-lo-borges-clube-da-esquina/>. Acesso em: 09 out. 2022.

## 2. Borges, Bituca, Berimbau e apitos de passagem

O que você já leu até aqui e o que deverá conferir adiante são versões dos fatos. Lembrando que Nietzsche avisava que *não há fatos, apenas interpretações*, recuperei um pequeno texto atemporal de Ruy Castro (eleito nesse 06/10/2022 para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras). De sua opinião escrita em 2009, recorro aqui um parágrafo:

“O importante não é o fato, mas a versão” – lembra-se? É a mesma coisa. A frase, dos anos 40 ou 50, era atribuída ao esperto político mineiro Benedito Valadares. Mas outro político, também mineiro e também esperto, José Maria Alkmin, estrilou: “Poxa, Benedito, eu inventei a história de que o importante não era o fato, mas a versão. Você se apropriou dela e agora todos acham que é sua”. Ao que Benedito, ainda mais esperto, retrucou: “O que prova que ela está certa, meu filho”.<sup>10</sup>

Retorno no tempo... Fase final dos melhores momentos & movimentos dos “anos dourados” no Brasil: 1963. Por volta de seus 20 anos, Milton Nascimento chega à cosmopolita Belo Horizonte para estudar e trabalhar. Ocupa um quarto na Pensão de Dona Benvinda na Avenida Amazonas, 718, Edifício Levy. Noutro apartamento desse mesmo prédio, no mesmo andar, os irmãos Wagner e Gileno Tiso (amigos de Três Pontas) ficaram alojados com seus tios. No 17º andar também passou a residir, de forma provisória, a família Borges enquanto a casa no bairro de Santa Tereza passava por reformas estruturais de monta.

A importância da família Borges no começo da carreira artística de Milton Nascimento, além de inquestionável, consistiu numa preciosa demonstração de prática pastoral. Acolhimento, orientação e calor humano reforçaram o caráter de Milton Nascimento – já bastante agraciado desde a primeira infância, quando foi adotado pelo casal Lilia & Josino. A família dos Borges era formada pela mãe Maria (*Maricota*, 1920-2006, professora), seu esposo Salomão (*Salim*, 1916-2014, jornalista), e os onze filhos: Marilton, Márcio, Sandra, Sonia, Sheila, Salomão (*Lô*), Marcos (*Yé*), Solange, Sueli (*Dodote*), Marcelo (*Telo*) e Mauro (*Nico*). Não demorou muito e Milton Nascimento (*Bituca*) passou a ser o 12º filho – inclusive morando no apartamento dos Borges<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1212200905.htm>. Acesso em: 10 out. 2022.

<sup>11</sup> Conferindo uma entrevista (<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/arvore-frondosa-45564>)

encontrei essas trovas do Sr. Salomão sobre sua esposa, seus filhos – incluindo Bituca:

*Minha esposa que Deus deu/ É a mesma que eu quis ter/ Sem que houvesse valor meu/ Para tanto merecer/ Foram muitos desenganos/ para quem tanto se amava/ Esperando cinco anos/ Por um filho que faltava.*

*Certo dia, afinal/ Marilton veio à luz/ Alegria sem igual/ pela graça de Jesus.*

*Começavam de mansinho/ Tantas bênçãos do bom pai/ Mas chegou bravo Marcinho/ Já sem fôlego, uai!*

*Sandra, mais do que matreira/ veio de cabeça em pé/ A fitar mãe e parteira/ E a dizer: ‘Como é que é?’*

A aproximação entre os Borges e Bituca começou através de Marilton (o primogênito). Ambos com a mesma idade (21 anos) e com o mesmo interesse: *crooner* em shows e boates. Segundo as palavras de Márcio (o segundo filho dos Borges) em seu livro *Os sonhos não envelhecem* (obrigatório para conhecer a história e as estórias do Clube da Esquina),

A primeira vez que Bituca entrou lá em casa foi para ensaiar no “quarto dos homens”. Não sei por que, achava meu pai com cara de bravo. Talvez fossem seus profundos olhos azuis. Naquela noitinha seu Salomão entreabriu a porta do quarto, enfiou a cara, olhou um por um os três rapazes que estavam com Marilton. Bituca tremeu de medo. Papai fechou a porta atrás de si.

– Será que ele está bravo? – Bituca olhou inquieto para Marilton.

– Claro que não. Vamos ensaiar. – Meu irmão não percebia e nem tinha por que perceber o medo de Bituca.

Dali a cinco minutos papai voltou com dois pratos de mexido. Ofereceu o primeiro a Bituca, o outro a Wagner.

– Ensiar de barriga cheia é melhor, não é não? – E saiu do quarto.

Depois voltou com mais dois pratos para Marilton e Marcelo Ferrari.

Logo depois ouvi Bituca comentar com Marilton:

– Nunca vi um troço tão bem recebido como esse prato de mexido. Eu estava cagando de medo. (BORGES, 2022, p. 23).

Todos os rapazes citados (Marilton, Marcelo, Wagner e Bituca) moravam no Edifício Levy e formavam o grupo *Evolussamba*. Outro grupo foi *Sambacana*. Não custou muito para a amizade entre Márcio e Bituca trazer experiências definidoras e definitivas para ambos, tanto no mundo da canção quanto no mistério do viver. A primeira deve ter sido uma recorrente “cobrança” que Márcio fazia para Bituca. Este não queria compor, não se achava capaz para criar canções; estava convicto de que sua competência estava restrita à condição de instrumentista, arranjador e intérprete vocal. Márcio contra-argumentava dizendo que os arranjos e as interpretações de Bituca eram, de fato, novas canções; ...e melhores!

---

*Sônia já veio magoada/ Respirou, até chorou/ Ela estava engastalhada/ Finalmente se livrou.  
Sheila, certa do caminho/ Não pensou em complicar/ E sugando um dedinho/ Já treinava pra mamar.*

*Bem de acordo com seu nome./ Salomão não se apressou/ E chegou morto de fome/ Quando o dia despontou.*

*Yé teve um lance mal/ Mas enfim soube vencer/ Teve que subir degrau/ Bem na hora de nascer.*

*A Solange, quem diria/ Chegou calma e valente/ Revelou sabedoria/ Ao mostrar-se paciente.*

*Sueli negaceava evitando aparecer/ Quando menos se esperava/ Resolveu ela nascer.*

*Telo, muito desligado/ Respirou antes da hora/ Ficou dias internado/ Até ser mandado embora.*

*Vir de bunda é má nota/ Mas é também sinal de sorte/ Pois o Nico e a Maricota/ Escaparam bem da morte.*

*Nesta árvore pousou/ Vindo lá do sul de Minas/ Negra ave que baixou/ Quase em todas as esquinas/ Em família tão maluca/ O seu número é doze/ É a palavra do Bituca/ Contestá-la, ninguém ouse/ Graças demos ao Senhor/ Natureza generosa/ Que nos deu com tanto amor/ Essa árvore frondosa.*

– Você tem é que compor. Parar de cantar coisa dos outros. A coisa mais rara do mundo é originalidade. E isso você tem de sobra. Você é um compositor. Vai fazer as músicas dos meus filmes. (BORGES, 2022, p. 46)<sup>12</sup>.

Essa citação acima repõe um apelo do Márcio ao Bituca durante um intervalo da apresentação do *Berimbau Trio* que tocava jazz na *Boate Berimbau* – inaugurada no dia 31 de março de 1964 (*sic*). Integravam esse trio Wagner (piano), Paulinho Braga (bateria) e Bituca (contrabaixo e vocal). A boate ficava no piso superior à Cantina do Lucas<sup>13</sup> – referência gastronômica da boemia intelectual, reunida no histórico Edifício Arcângelo Maletta.

Márcio relata que, terminada a performance naquela noite,

Bituca e eu voltamos para o Levy, caminhando em silêncio. Era madrugada. Estávamos cansados, mas alegres e satisfeitos. A gente pressentia que estava nascendo ali muito mais do que uma grande amizade qualquer. Um pacto de vida, uma promessa de futuro, um amor fraterno, um valor humano. Fosse o que fosse, naquele momento as palavras eram de todo desnecessárias (BORGES, 2022, p. 48).

Tempos depois, no início de uma tarde, Márcio conseguiu levar Bituca para ver o filme de François Truffaut *Jules et Jim*. Márcio havia assistido essa obra prima da *Nouvelle Vague* dias antes em uma pré-estreia para cinéfilos no luxuoso Cine Metrôpole. Depois o filme ficou em exibição comercial no Cine Tupi. Nesta sala Márcio e Bituca tomaram assento nas primeiras poltronas às 14:00. Um carrilhão de epifanias alavancou seduções e encantamentos nos dois amigos dentro daquele grande útero *tu-upi* (progenitor). O que aconteceu seria inenarrável. Mesmo assim resgato alguns trechos da memória de Márcio (com meus negritos):

**A música sublinhava cada emoção.** Nossas lágrimas furtivas eram lindas, iluminavam um universo novo que se descortinava à nossa frente, **revelando a plenitude, a possibilidade de comunhão** daquele amor único por toda a espécie humana, **sentimento poderoso** compartilhado ali entre dois seres que **o destino** há tão pouco tempo colocara frente a frente naquela Babel que era o Levy e **já os transformara**, sim, sem dúvida, nos dois mais intensos, harmônicos e especiais amigos que aquela cidade ou qualquer outra já vira. O filme tornou isso uma certeza entre nós dois. [...] Começou a segunda sessão, mais ou menos quatro horas da tarde. [...] Mais lágrimas foram vertidas então, agora também acrescentadas de **um entusiasmo ativo como uma catarse, a certeza de um destino em curso, tecido com aquele mesmo tipo de fatalidade exposto no filme.**

<sup>12</sup> Márcio, além de aficionado por filmes, também se tornou diretor de cinema.

<sup>13</sup> Na Cantina do Lucas um dos pratos emblemáticos era o “Filé à Cubana”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YoODE1C3i7M&list=PLd2h7crJWbf4wsmn19s\\_3NpQ2s8AOgzyz&index=7](https://www.youtube.com/watch?v=YoODE1C3i7M&list=PLd2h7crJWbf4wsmn19s_3NpQ2s8AOgzyz&index=7). Acesso em: 10 out. 2022.

[...] Voltamos correndo para a sala escura, bem a tempo de ouvirmos pela terceira vez naquele dia a epígrafe do filme.

[...] quando pusemos de novo os pés na rua, o relógio da Igreja de São José marcava oito horas da noite e não restava mais sinal do lindo dia ensolarado que fizera. **Algo ainda maior** do que aquela transformação do dia em noite se transformara dentro de nós dois e no sentido inverso, pois que ia do obscuro para o iluminado. Fomos direto para o Levy, direto para o “quarto dos homens”. Sem delongas, Bituca pegou seu violão (que já tinha lugar cativo no quarto) e inventou um tema; melhor, destilou tudo aquilo, todas as emoções que andara sentindo nos últimos tempos [...] Por minha vez, eu rabiscava algumas palavras em torno do tema que descrevia a mim próprio como “Paz do amor que vem”.

[...] De qualquer modo, cantamos aqueles versos singelos com **fervor e gravidade**, pois o **momento** assim exigia. [...] Era como se estivéssemos na Floresta Negra, juntos a Jules, Jim, Catherine, e todos nos achássemos instalados ali, no “quarto dos homens”, como **ectoplasmas feitos de som**. Tudo continuava naqueles acordes, François Truffaut, o Amor e Amizade, Raoul Coutard, o mago do nublado e do noturno, Jeanne Moreau, o Levy, **tudo encadeado** como átomos na cadeia dos cristais de pura música; tanto, que nos deu a certeza de que **uma nova história** começava a se escrever ali mesmo para nós, naquele instante, e que **as eras poderiam se dividir**, a partir desse **fato consumado**, em A.J.J e D.J.J.; isto é, Antes de Jules e Jim e Depois de Jules e Jim.

Saíram três músicas nessa noite: “Paz do Amor que Vem” (“Novena”), “Gira-Girou” e “Crença” (BORGES, 2022, p. 57-60).

### 3. Cânones canônicos? Cadê?

Após três anos morando no centro de Belo Horizonte (primeiro e com maior duração no Edifício Levy, depois por pouco tempo no Edifício Capri), a família Borges retorna ao bairro Santa Tereza, à mesma casa da Rua Divinópolis, nº 136 – então reformada. O 12º filho, Bituca, saía para São Paulo, em busca de seu espaço na disputada corrida arranjada pelos festivais de música. Nessa época conheceu Agostinho dos Santos – cantor famoso que “aprontou” com Milton no ano seguinte, inscrevendo três músicas de Milton (sem seu conhecimento) no Festival Internacional da Canção.

Elis Regina, assessorada por Gilberto Gil, escolheu e gravou em 1966 a “Canção do Sal” – melodia e letra de Milton Nascimento. A *pimentinha* gaúcha ofereceu para a degustação nacional essa iguaria mineira. Madrinha e afilhado, além disso, se gostavam mesmo. Elis certa feita afirmou: *se Deus tivesse voz seria a de Milton Nascimento*.<sup>14</sup> Por óbvio, também nesse ano conheceu mais artistas

<sup>14</sup> Postagem comemorativa ao “Dia do Amigo” (20/07/2012) no Portal Maria Rita, filha de Elis Regina. Disponível em: <https://portalmariarita.wordpress.com/?s=Milton+Nascimento>. Acesso em: 12 out. 2022.



em São Paulo, inclusive Caetano Veloso – de quem recebeu o seguinte comentário, recordando o primeiro encontro: “*fiquei impressionado com a presença pessoal do colega recém-chegado (sua beleza nobilíssima de máscara africana, sua atmosfera a um tempo celestial e triste, sua aura mística e sexual)*” (BORGES, 2022, p. 11-12).

Em 1967 Bituca passou a morar no Rio de Janeiro. Numa passagem por Belo Horizonte convence, com algum esforço, o amigo Fernando Brant<sup>15</sup> a colocar letra em uma melodia. Segundo o próprio Milton, aquela melodia não deveria ser trabalhada por ele (Bituca) nem pelo já parceiro Márcio. Tinha de ser a estreia de Fernando. Bingo! Resultado: surgiu a maravilhosa canção “Travessia” – ganhadora do segundo lugar no II Festival Internacional da Canção (Rio de Janeiro, 1967). Nesse ano Bituca grava seu primeiro álbum: *Milton Nascimento*.

Outro amigo de Bituca surge completando a gênese de um apocalíptico quarteto de letristas. Aos mineiros Milton Nascimento, Márcio Borges e Fernando Brant, foi agregado o fluminense Ronaldo Bastos. Conforme enfático depoimento de Márcio Borges (que visitava Bituca no Rio de Janeiro, indo até Niterói),

fui apresentado a um jovem magro, pálido, de grandes olhos verdes e cabelos louros cacheados, metido em pijamas que lhe davam a aparência geral frágil e diáfana de um anjo. Bituca pegou um violão e mostrou “Rio Vermelho”, a primeira parceria dos dois: *...de dentro do peito as canções/ explodem em pontas de facas/ rasgando o espaço e vêm/ minha luta ajudar, ê... [...]* Saí dali impressionado com o jovem poeta fluminense. Aliás, em sua dura realidade hepática, enfermo numa cama, ele me parecia o mais idealizado estereótipo do jovem poeta enfermo e frágil, de aparência angelical, que alguém poderia conceber (BORGES, 2022, p. 168-169).

Como revelou outro mineiro absolutamente indispensável – Zuenir Ventura – 1968 foi o ano que não terminou.<sup>16</sup> No Brasil e no mundo a efervescência cultural enfrentava o contraponto conservador e, várias vezes, reacionário. Nas grandes capitais do país pululavam manifestações contra a ditadura. No Rio de Janeiro aconteceu a famosa *Passeata dos Cem Mil*. Bituca participou junto com a nata da classe artística e política. Em 13 de dezembro os militares baixaram o AI 5 – expediente que fechou ainda mais o regime, enterrando os *anos dourados* e instaurando os *anos de chumbo*. Ainda em 1968 é lançado nos Estados Unidos o segundo álbum de Milton Nascimento: *Courage*.

Pra corroborar a prodigiosa complexidade daquele 1968, algo fundante aconteceu e que diz respeito ao tema deste artigo: surge a matriz de toda filiação que se espalha e se espelha até nossos dias. Tem por pia batismal a icônica esquina

<sup>15</sup> Até então Brant nunca escrevera canção nenhuma. Também curioso: quando se conheceram, Bituca e Fernando (ambos sem grana) dividiram um ovo cozido e uma caipirinha.

<sup>16</sup> Zuenir Ventura escreveu em 1989 a obra *1968: o ano que não terminou*. Este livro serviu como referência básica e central para uma série produzida pela Rede Globo em 1992: *Anos Rebeldes*.

onde entram em comunhão a Rua Divinópolis e a Rua Paraisópolis, no bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Nessa esquina costumavam cruzar Lô e toda turma das brincadeiras de rua e de altas cantorias, muitas delas inspiradas pelos Beatles. Maricota – a matriarca – muitas vezes se referia a essa esquina com alguma implicância e muita ironia, usando um tom pejorativo para se referir à molecada que se sentava no meio fio e nos degraus daquele “clube da esquina”. Até a vizinhança se incomodava com a farra da turma no “clube da esquina”. Nessa época uma levada de acordes e harmonias ao violão, criada por Lô, teimava tanto que muitos amigos da esquina talvez já estivessem cansados de ouvir, sem contar os membros da família dos Borges. Conta Lô<sup>17</sup> que Bituca, ao voltar de alguma viagem, procurou seus *irmãos* da família Borges. Não encontrando, foi informado por Maricota, que o Lô devia estar lá naquela “maldita” esquina. Dito e feito. Bituca se depara com Lô ao violão teimando com seus acordes em busca de melodia. Bituca gosta do que ouve e intima Lô a voltar para casa e tentar, juntos, arrumar a melodia. Mais tarde Márcio chega da rua e põe-se a ouvir e a se encantar com o nascimento da primeira parceria Lô & Bituca. Aquele com seus 16 anos, este com 26. Na sequência, o canhoto Márcio pega papel e caneta, rabiscando uma letra para aquilo que estava ouvindo. De imediato desenha o título “Clube da Esquina” em homenagem à Dona Maricota e para resgatar, resignificando, a famigerada capela consagrada *en plein air*. De repente acaba a energia elétrica e Maricota faz às vezes de iluminadora com uma vela a socorrer o filho Márcio. Conforme as palavras do próprio Márcio,

Ao ritmo de minha escrita, [Dona Maricota] acompanhava lendo em voz baixa até o final, quando então parei de escrever e ela, pousando uma das mãos em meu ombro, falou com emoção:  
– Está muito lindo, meu filho.  
[...] Quando Bituca e Lô cantaram o tema com esta letra, mamãe começou a chorar de emoção, (BORGES, 2022, p. 219, 220).

O terceiro álbum saiu em 1969: *Milton Nascimento*, com composições excelentes. Abre a sequência a antológica *Sentinela*, de Milton & Fernando Brant. O tema, profundamente pesaroso, foi inspirado em Diamantina – terra da família Brant. Em compensação, outra experiência um tanto hilária e bem inusitada ocorreu nos arredores daquela cidade. Numa elevação cinematográfica estavam juntos Bituca, Fernando e os irmãos Márcio e Lô...

No entardecer róseo que prenunciava frio, Bituca puxou uma música ao violão. De um brejo próximo, um sapo respondeu no tom. Nós nos entreolhamos. Na mudança de acorde, outro sapo coaxou também no tom, mas ajuntando uma terça maior. Bituca fez evoluir o acorde e a saparia (ou sapaiada) atacou de quintas, sétimas, nonas, harmônicos, em vocalização completa,

<sup>17</sup> Esse depoimento de Lô Borges está registrado no vídeo [https://www.youtube.com/watch?v=29XU703n2\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=29XU703n2_U). Trata-se de um trabalho acadêmico das alunas da PUC-SP Bel Mercês & Letícia Gimenez, com o título “Sobre amigos e canções” (abril/2008). O trecho em que aparece Lô, seu irmão Márcio e Bituca (editado) pode ser conferido entre 20:05 e 21:58.

veementemente interpretada. Foi um dos mais comoventes acompanhamentos musicais que Bituca teve oportunidade de receber em toda a sua carreira de músico e compositor. Nesse tipo de coisa, a gente se comprazia em aferir sinais astrais, esotéricos e oraculares, mais ou menos como se, no presente caso, os sapos fossem, mais do que simples batráquios, aparelhos fonadores para vozes do além. (BORGES, 2022, p. 182).

*Milton* é o título do quarto álbum, lançado em 1970. Duas canções estão especialmente relacionadas ao assunto deste artigo, ambas compostas por Lô Borges, Milton Nascimento e Márcio Borges: *Clube da Esquina* e *Para Lennon e McCartney*. Em certo sentido, considerando a liberdade criativa/participativa dos músicos e a pluralidade estilística do repertório, esse álbum preparou o ambiente para a concretização do acontecimento que foi a gravação do álbum “Clube da Esquina” dois anos depois.

Nesse assunto preciso me valer de um trecho do artigo escrito pelo talentoso músico e acurado pesquisador Ivan Vilela. Em seu texto “Nada ficou como antes” está explícito que

foi no seu disco *Milton*, de 1970, que ele e os rapazes do [futuro] Clube da Esquina **passaram a trilhar um caminho sonoro totalmente próprio, autêntico e mais independente** do passado sonoro da música brasileira. Esse disco teve como banda de apoio o Som Imaginário [Wagner Tiso, Tavito, Novelli, Robertinho Silva, Zé Rodrix e Frederica], mais Toninho Horta, Lô Borges e Naná Vasconcelos. O disco se inicia com a canção “Para Lennon e McCartney”, de Lô Borges, Márcio Borges e Fernando Brant. Nela, **o recado é dado para que todos olhem a nova música que está sendo feita pelo grupo**. Do local partem para o universal quando cantam “Mas agora sou cowboy/ Sou do ouro eu sou vocês/ Sou do mundo, sou Minas Gerais”. Simbólica também é a instrumentação utilizada logo na primeira música. Uma instrumentação pesada, com guitarra, baixo, bateria, pandeiro meia-lua, piano e teclado; instrumentação típica das bandas de rock e nada usual no som que ele fazia até então. Na realidade, **uma ruptura sonora** com seus três discos anteriores que estavam mais próximos da sonoridade da MPB como um campo consolidado que a tropicália implodira. Curiosamente, no refrão é citada, melodicamente, a canção “I Should Have Know Better”, de Lennon e McCartney, no momento em que cantam “eu sou da América do Sul” (“You’re gonna say you love me too”). Essa ruptura de paisagem sonora marcou o início de uma carreira singular que o pessoal do Clube da Esquina traçou na busca de uma sonoridade própria e de **um novo tratamento à canção**. (VILELA, 2010, p. 21, negritos meus).

#### 4. Esquina sistina

Conspiração: gente se encontrando, agregada pelo patriarca-menino Bituca. Primeiro foi Lô Borges, ainda com 18/19 anos – convidado para dividir a empreitada de gravar um álbum duplo (que, por pouco, não foi o primeiro desse tipo no Brasil). O *Clube da Esquina* das ruas Divinópolis e Paraisópolis teria, então, de ser reposicionado no Rio de Janeiro – local da gravadora EMI Odeon. Levitando diante da oferta sacramental, Lô aceitou e confirmou a generosidade do convite. E decidiu levar junto seu comparsa beatlemaníaco Beto Guedes.

Nas palavras de Paulo Thiago de Mello, em seu livro “Milton Nascimento e Lô Borges: clube da esquina”, *pode-se dizer que o embrião do disco que viria é germinado em Belo Horizonte, mas é em Piratininga que ele ganha corpo e alma*.<sup>18</sup> Isso porque Bituca, Lô Borges, Beto Guedes *et alii* se instalaram numa casa muito grande em frente daquela praia em Marazul, Niterói (RJ). Assim as coordenadas espirituais da *bendita* esquina em Santa Tereza (Belo Horizonte) se transfiguraram como encíclicas papais, estabelecendo pontes para outros conclaves onde quer que os afrescos da amizade-em-forma-de-arte pudessem servir de teto para a criação de espantos e belezas. Espantos-e-Belezas tais como na amizade/amorosidade entre Bituca & Káritas (mãe de Pablo) – um relacionamento abruptamente dilacerado pelas tenazes dos torturantes torniquetes da execrável ditadura.<sup>19</sup>

Em relação à receptividade por parte da crítica nacional, inicialmente adversa, a Wikipedia apurou agora uma aclamação, tardia, bem ao estilo do mote na bandeira das Gerais, *LIBERTAS QUÆ SERA TAMEN*:

O LP foi eleito em uma lista da versão brasileira da revista *Rolling Stone* como o 7º melhor disco brasileiro de todos os tempos. Em setembro de 2012, foi eleito pelo público da rádio *Eldorado FM*, do portal *Estadão.com* e do *Caderno C2+Música* (estes dois últimos pertencentes ao jornal *O Estado de S. Paulo*) como o segundo melhor disco brasileiro da história. Em 2022, o disco foi eleito como o Melhor Disco Brasileiro de Todos os Tempos, pelo podcast *Discoteca Básica*, que ouviu 162 especialistas.<sup>20</sup>

À parte desse recente reconhecimento (e sem diminuir sua importância), volto à abordagem enxuta e aguda de Ivan Vilela. Em suas palavras,

quem juntou tudo, o rock, o jazz, a bossa, o clássico, a música regional, criando uma grande síntese, foi o Clube da Esquina. Dentro da imensa diversidade sonora produzida até então, o Clube da Esquina ressituiu o espaço da MPB certificando, com qualidade, a incorporação dos diversos elementos propostos pelos movimentos que o antecederam.

<sup>18</sup> MELLO, 2020, p. 1346.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq090823.htm>. Acesso em: 10 out. 2022.

<sup>20</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube\\_da\\_Esquina\\_\(%C3%A1lbum\)#cite\\_note-8](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_da_Esquina_(%C3%A1lbum)#cite_note-8). Acesso em: 02 set. 2022.

No álbum *Clube da Esquina*, de 1972, o amálgama desses gêneros foi tão profundo que ficou difícil discernirmos uma ou outra tendência em específico. O que nos põe a pensar se esse álbum não seria o precursor de um procedimento que, mais de uma década depois, receberia o nome de *world music*.

O *Clube da Esquina* foi um movimento de síntese da música brasileira. Seus diversos integrantes de personalidades distintas e caminhos musicais singulares acabaram tornando-se referência aos músicos que despontaram logo após. [...]

Wagner Tiso, em entrevista a mim concedida, conta que a chegada de Milton na cena carioca causou choque e espanto, pois, segundo ele, Milton trazia em sua música elementos pouco usuais à então consagrada MPB, quais sejam, sua maneira singular de harmonizar utilizando o polimodalismo fundido aos traços tonais e a impermanente regularidade rítmica de sua música, toda permeada por compassos híbridos (pulsos diferentes dentro de uma mesma música) e por compassos atípicos na MPB.

Wagner, nessa entrevista, conta ainda que Jobim, muito intrigado com a música do jovem mineiro, ficou perto de um ano sem compor.<sup>21</sup>

Além de ter participado como letrista em seis das vinte e uma canções, Ronaldo Bastos concebeu o conceito, organizou a dinâmica no período criativo em *Mar Azul*, articulou a sequência das faixas a gravar e dirigiu a produção do álbum “*Clube da Esquina*”. Portanto, ousaria afirmar que esse fluminense chamado Ronaldo foi imprescindível para engarrafar e distribuir para o mundo aquele nectar das Minas Gerais – pois, conforme colherada certa de Caetano Veloso, *em Minas o caldo engrossa, o tempero entranha, o sentimento se verticaliza*.<sup>22</sup>

Só para enfatizar/ilustrar essa mineirização providenciada por Ronaldo & Milton (lembrando que este nasceu na Tijuca, Rio de Janeiro), cito pela terceira vez (e não será a última) Ivan Vilela em sua consideração a respeito dos diferentes legados africanos:

[...] os nagôs, etnia que predominou em Minas Gerais. Estes, para sobreviverem, mesclaram seus traços à cultura dominante, ao catolicismo. Suas religiões foram amalgamadas a elementos do catolicismo popular para assim preservarem a sua essência. **É essa a África que vem com Milton. A África dos congados e moçambiques, catopés e marujadas, caiapós, candombes e vilões. São outros ritmos, são outros cantos. Uma outra música.** Em “*Cravo e Canela*”, de Milton e Ronaldo Bastos, gravada no álbum duplo *Clube da Esquina*, de 1972, assinado por Milton e Lô Borges, notamos **uma pulsação balançada em compasso ternário**. O que é comumente chamado de samba em três é, na realidade, **a rítmica do congado e do moçambique que se apresentam de forma ternária ou em pulso binário composto**. Chamar de samba

<sup>21</sup> O artigo de Ivan Vilela está disponibilizado em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13827/15645>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>22</sup> BORGES, 2022, p. 11.

em três move a esfera musical de Milton em direção à musicalidade baiana e carioca, o que não seria correto.<sup>23</sup>

Em respeito às canções que escolhi para pinçar palavras e pensamentos ao final do último tópico deste artigo, transcrevo antes a íntegra delas, indicando algum endereço no YouTube. Assim você poderá ter uma experiência estética um pouco mais completa. Lembro que a canção nomeada “Clube da Esquina” (renomeada “Clube da Esquina 1”) foi gravada primeiro no álbum de 1970 – *Milton*. No álbum de 1972 aparece “Clube da Esquina 2” (5ª faixa, lado B, disco 1), – não como canção, e sim como instrumental, conforme a vontade dos autores Lô & Bituca. Anos depois, cedendo à *invitación polisémica* de Nana Caymmi, Márcio Borges coloca letra, meio à revelia dos autores – que, surpreendidos, aprovam. Gravaram a versão com letra de Márcio Borges: Nana (1979), Lô (também em 1979), Bituca (1993) e outros.

Enfim, apenas sugiro que você escute, ouça e ausculte (sensação, sentido e sentimento) essas canções considerando uma correspondência cúmplice entre o fraseado ritmo-harmônico-melódico e a musicalidade verbal.

### Clube da Esquina (Lô Borges, Milton Nascimento & Márcio Borges)

<https://www.youtube.com/watch?v=yco8uE4wT7M>

Noite chegou outra vez de novo na esquina  
Os homens estão, todos se acham mortais  
Dividem a noite, a Lua, até solidão  
Neste clube, a gente sozinha se vê, pela última  
vez  
À espera do dia, naquela calçada  
Fugindo de outro lugar

Perto da noite estou  
O rumo encontro nas pedras  
Encontro de vez, um grande país eu espero  
Espero do fundo da noite chegar  
Mas agora eu quero tomar suas mãos  
Vou buscá-la aonde for  
Venha até a esquina, você não conhece o futuro  
Que tenho nas mãos

Agora as portas vão todas se fechar  
No claro do dia, o novo encontrarei  
E no Curral del Rei  
Janelas se abram ao negro do mundo lunar  
Mas eu não me acho perdido  
Do fundo da noite partiu minha voz  
Já é hora do corpo vencer a manhã  
Outro dia já vem e a vida se cansa na esquina  
Fugindo, fugindo pra outro lugar.

<sup>23</sup> VILELA, 2010, p. 22.

### Cais (Milton Nascimento & Ronaldo Bastos)

<https://www.youtube.com/watch?v=dtZVQGa9eDw>

Para quem quer se soltar  
invento o cais  
invento mais que a solidão me dá  
invento lua nova a clarear  
invento amor  
e sei a dor de me lançar

Eu queria ser feliz  
invento o mar  
invento em mim o sonhador

Para quem quer me seguir  
eu quero mais  
tenho o caminho do que sempre quis  
e um saveiro pronto pra partir  
invento cais  
e sei a vez de me lançar

---

### Paisagem da Janela (Lô Borges & Fernando Brant)

<https://www.youtube.com/watch?v=ImxvXIWNEGo>

Da janela lateral  
Do quarto de dormir  
Vejo uma igreja  
Um sinal de glória  
Vejo um muro branco  
E um voo pássaro  
Vejo uma grade  
E um velho sinal

Cavaleiro marginal  
Lavado em ribeirão  
Cavaleiro negro  
Que viveu mistérios  
Cavaleiro e senhor  
De casa e árvore  
Sem querer descanso  
Nem dominical

Mensageiro natural  
De coisas naturais  
Quando eu falava  
Dessas cores mórbidas  
Quando eu falava  
Desses homens sórdidos  
Quando eu falava  
Desse temporal  
Você não escutou

Cavaleiro marginal  
Banhado em ribeirão  
Conheci as torres  
E os cemitérios  
Conheci os homens  
E os seus velórios  
Quando olhava da janela lateral  
Do quarto de dormir

Você não quer acreditar  
Mas isso é tão normal  
Você não quer acreditar  
Que eu apenas era

Você não quer acreditar  
Mas isso é tão normal  
Você não quer acreditar

Um cavaleiro marginal  
Banhado em ribeirão  
Você não quer acreditar

---

**San Vicente (Milton Nascimento & Fernando Brant)**  
<https://www.youtube.com/watch?v=FeSwpP6JRK0>

Coração americano	A espera na fila imensa	As horas não se contavam
Acordei de um sonho estranho	E o corpo negro se esqueceu	E o que era negro anoiteceu
Um gosto, vidro e corte	Estava em San Vicente	Enquanto se esperava
Um sabor de chocolate	A cidade e suas luzes	Eu estava em San Vicente
No corpo e na cidade	Estava em San Vicente	Enquanto acontecia
Um sabor de vida e morte	As mulheres e os homens	Eu estava em San Vicente
Coração americano	Coração americano	Coração americano
Um sabor de vidro e corte	Um sabor de vidro e corte	Um sabor de vidro e corte

---

**Nada será como antes (Milton Nascimento & Ronaldo Bastos)**  
<https://www.youtube.com/watch?v=KsO4wyndOME>

Eu já estou com o pé nessa estrada qualquer dia a gente se vê sei que nada será como antes, amanhã. Que notícias me dão dos amigos? Que notícias me dão de você? Alvoroço em meu coração amanhã ou depois de amanhã resistindo na boca da noite um gosto de sol	Num domingo qualquer, qualquer hora ventania em qualquer direção sei que nada será como antes, amanhã Que notícias me dão dos amigos? Que notícias me dão de você? Sei que nada será como está amanhã ou depois de amanhã resistindo na boca da noite um gosto de sol
---	---

---

**Clube da Esquina 2 (Lô Borges, Milton Nascimento & Márcio Borges)**  
<https://www.youtube.com/watch?v=3PHx8QQnLyA>

Porque se chamava moço Também se chamava estrada Viagem de ventania Nem lembra se olhou pra trás Ao primeiro passo, aço, aço	E lá se vai mais um dia  E basta contar compasso E basta contar consigo Que a chama não tem pavio De tudo se faz canção E o coração Na curva de um rio, rio	E lá se vai mais um dia
Porque se chamavam homens Também se chamavam sonhos E sonhos não envelhecem Em meio a tantos gases Lacrimogênios Ficam calmos, calmos, calmos		E o Rio de asfalto e gente Entorna pelas ladeiras Entope o meio fio Esquina mais de um milhão
		Quero ver então a gente Gente, gente

---



## 5. Uma certa numinosidade

Há pessoas no Brasil e no exterior ainda desconhecendo que, efetiva e concretamente, o Clube da Esquina nunca existiu como conjunto de dispositivos construídos à base de tijolos, portões e coberturas... Com efeito, jamais foi possível entrar e usufruir as (inexistentes) dependências físicas desse Clube. E não sendo um imóvel, o Clube da Esquina acabou edificando, sem querer, um movimento. Penso que esse caráter *involuntário* pode ser interpretado como relativo à função estética/poética no transcurso comunicativo, esquadrihada por Jakobson.<sup>24</sup> Ou seja, a própria mensagem contém maior poder de atração do que (sem descartar) o mensageiro, o destinatário, o assunto, o código, a mídia... O que mais importa é o processo produtivo/criativo (no caso do Clube da Esquina, encharcado pelo convívio amistoso participativo/inventivo). Se o produto chega a ser notado/notável – isso se infere como desdobramento que se acolhe de bom grado. Há uma inegociável preferência pelo espontâneo (simpático), pelo desinteressado (interessante) e não pelo pragmático ou da mera vantagem.

O Clube da Esquina como movimento me parece também herdeiro do Movimento Cultural Antropofágico de Oswald de Andrade e outros aglutinados durante a Semana de 22. Sem a intenção de aprofundar essa ideia, somente repito Ivan Vilela quando afirma que

Do ponto de vista da criação, nenhum movimento na MPB levou tão a sério a utilização e a expansão de elementos composicionais tais como a polirritmia, a utilização de compassos híbridos, a busca por um timbre diferenciado resultante normalmente da mistura de outros timbres, a utilização da voz que canta a canção como um instrumento que deve ser explorado em seus limites. Vimos isso no **uso do falsete** com o objetivo de se conseguir um efeito vocal, um timbre diferente e não como último recurso para se alcançar uma nota aguda. O violão ganhou outro caráter ao ser usado como instrumento harmônico-percussivo. A percussão tomou outra dimensão na medida em que passou a ser um evento de vida própria que corria, às vezes, com um volume maior que o dos instrumentos melódicos harmônicos. O caminho harmônico intuitivo, não o da intuição inocente, mas sim o de uma intuição carregada de informações já processadas e expostas de maneira singular. Milton se referia à santíssima trindade do jazz [Charles Mingus, John Coltrane e Miles Davis] como uma de suas bases de conhecimento harmônico, mas em nenhum momento percebemos na harmonia de Milton uma cópia de suas referências. O mesmo vale para Toninho Horta, Tavinho Moura e Nelson Ângelo. Todo o conhecimento adquirido foi introjetado e reprocessado de maneira que, quando brotou, brotou diferente. (VILELA, 2010, p. 27).

---

<sup>24</sup> JAKOBSON, 1995, p. 127-128.

Admito como emblemática de uma numinosidade musical ímpar a expressão facial estampada por um cantor-e-compositor insuspeito – Chico Buarque – diante do vocalise feito por Bituca na introdução à canção “O que será”. Você precisa ver/rever esse momento/movimento de incontestável êxtase musical/numinoso. Pare sua leitura e acesse um vídeo do Multishow (11:10): <https://www.youtube.com/watch?v=-obTU9LFjI8>. Você vai gostar. Aposto. No mesmo vídeo (26:46) a gente se depara com uma inteligente imagem descritiva, feita por João Bosco (também cantor e compositor de mão cheia). Diz ele que Milton *tem aquela voz que você nunca sabe se é um cristal bronzeado ou um bronze cristalino, você nunca sabe direito; – você sabe que é uma coisa comovente.*<sup>25</sup>

Certa feita Bituca estava enfermo e o Sr. Salomão lhe escreveu uma carta. Para reanimar seu 12º filho, o pai dos Borges grafou que Bituca é *um missionário da música, um missionário musical que leva mensagens ao mundo inteiro em benefício da paz e da solidariedade universais.*<sup>26</sup> E ao que tudo indica, sobre isso Milton tem nítida consciência a ponto de professar: *Fico pensando na coisa mais importante pra mim, que é o palco. O palco pra mim é um santuário.*<sup>27</sup> E mais, no Programa Fantástico (Rede Globo) Bituca afirmou: *Já me chamaram de xamã. Eu não sei se eu sou um xamã. A música fica sendo a mãe, a luz do xamã. Então pode ser que eu seja um xamã através da música.*<sup>28</sup>

Com certeza, Milton é um querido maestro dos sentimentos humanos mais íntimos, mundo afora. Sob sua batuta muita gente já (re)encontrou esperanças e despediu rancores. E esse sacerdócio vem sendo oficiado com música – missa para as massas. Repetindo João Bosco,

*as pessoas não eram, assim, fãs de Milton...; as pessoas eram devotas do Milton...; eram pessoas que seguiam aquele sujeito...; e aquele sujeito ia à frente fazendo aquelas coisas, rompendo situações harmônicas, situações melódicas, situações de tempo e espaço...; a música do Milton também tem um espaço, tem um silêncio, tem um tempo que é fundamental no trabalho dele. Tem hora que no trabalho do Milton você escuta as coisas e ali tem um milagre, tem uma coisa que é muito mais mistério. Grande parte daquilo que mais me toca no trabalho do Milton é aquilo que eu não entendo, é aquilo que eu não consigo explicar, é aquilo que eu não consigo reproduzir, porque aquilo é ele.*<sup>29</sup>

<sup>25</sup> MULTISHOW, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-obTU9LFjI8>. Acesso em: 10 out. 2022.

<sup>26</sup> FAUSTÃO – Arquivo confidencial, 1997. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6s\\_YsUh5L4I](https://www.youtube.com/watch?v=6s_YsUh5L4I) (04:40). Acesso em: 11 out. 2022.

<sup>27</sup> MULTISHOW, 2002. (42:55).

<sup>28</sup> FANTÁSTICO (Rede Globo) (00:44). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2236948/>.

<sup>29</sup> MULTISHOW, 2002 (25:45) (45:27).

Retomando a obra *Nada ficou como antes*, observo que Vilela aponta diferenças significativas no modo como o recurso da orquestração incidiu em três movimentos musicais brasileiros na segunda metade do século XX:

A bossa nova utilizou a orquestra como uma moldura sonora em torno da canção. A tropicália tratou-a de forma mais discursiva, em que a orquestra narrava os acontecimentos da canção. No Clube da Esquina vimos uma orquestração de caráter mais impressionista, criadora de ambiências sonoras e timbres que resultam da junção de instrumentos distintos, que, por vezes, corrobora o texto. (VILELA, 2010, p. 26)

Essa ambientação impressionista – evocativa de Debussy – também opera indeterminações compatíveis com a ambiguidade do fascínio-tremendo, próprio do numinoso. Se as canções do Clube da Esquina devem ser ouvidas em posições genuflexas<sup>30</sup>, um adentramento extasiante é advertido em outro trecho (23:55) do vídeo acima sinalizado. Caetano, com uma brejeira sugestão místico-erótico-orgasmática repagina o numinoso da aproximação de Bituca: *Considerando quem a gente tá esperando para se sentar ali naquele banco, eu não vou nem dizer o nome dele. Espero que ele venha chegando..., e vocês vão vendo..., e vocês vão sentindo tudo o que vai acontecendo quando ele chega.* Impressionismo em prelúdio.

Fechando este artigo, finalmente vou exercitar meu mo(vi)mento diante de numinosidades do Clube da Esquina – segundo meu ponto-de-vista do que possa ser o numinoso e a poética dessas canções. Nesse momento vi algum movimento. Isso – você há de concordar – tem a discutível dimensão de uma subjetividade datada.

**Primeira visão desse movimento: o numinoso remove.** A realidade caótica é *esquinamente* removida porque a existência corpórea deseja ser o que não é. Viver não basta, há que se forjar a vida. O jogo pede um escanteio. Essa retirada responde por uma projeção: o limite das coisas e dos casos demanda causos. ***Para quem quer se soltar, invento o cais, invento mais que a solidão me dá.*** A remoção do caos perfaz o paradoxo de um cais. A soltura que desvencilha é também atracagem: o numinoso é um ancoramento capaz de traçar/troçar uma esquina, balizando riscos de uma largura e de uma altura para que a profundidade enraíze um mínimo de estacamento/estancamento à solidão – de resto, irresolvível. Por isso a invenção é ferramenta indispensável. No DNA da letra inventada por Ronaldo Bastos para a canção “Cais” estava seu desejo solidário de abraçar a solidão sofrida por Nana Caymmi quando foi vaiada no I Festival Internacional da Canção (1966) – primeira vaia na história dos festivais – interpretando

<sup>30</sup> Inclusive numa edição mais recente (publicada em 27/12/2021) com a Orquestra de Ouro Preto, emoldurando a imortalidade de Bituca em nossos corações. Trata-se de uma gravação realizada no belíssimo Cine-Theatro Central – joia da cidade onde atualmente mora Milton Nascimento: Juiz de Fora (MG), também sede da Numen. Previno que não custa portar um lenço para aparar incontroláveis minas brotando nas janelas da alma.  
<https://www.youtube.com/watch?v=meBIQ5ENoMY&t=1196s>.

“Saveiros” (Dori Caymmi & Nelson Motta).<sup>31</sup> Ronaldo disponibilizou para Nana *um saveiro pronto pra partir*.

Realçando esse movimento de remoção, é inegável o chamamento onírico-adversativo. A condição humana, emoldurada pela cultura, registra uma fresta pela qual o numinoso arrebatada e arrebeta: *porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos; e sonhos não envelhecem*. Aquela solidão sufocante não impede (ao contrário, solicita) uma socialização que venha arejar no espírito um rejuvenescimento numinoso salvífico, uma redenção que recupere a autonomia possível. Afinal, cada qual, *basta contar compasso, basta contar consigo, que a chama não tem pavio*; isto é, na esquina numinosa sempre é possível reeditar aquela sarça que ardia, sem se consumir (Êxodo 3:1-5). Essa é a saída nômica: sentir a luminosidade mágica, perene, poderosa..., sem extinguir o sonhar, pois se o pavio é ficção, o navio da fantasia singra impossíveis pra não sangrar possibilidades – *viagem de ventania*.

**Segunda visão desse movimento: o numinoso comove.** A corporeidade vive sua tensão de páthos/logos diante do mistério distribuído pelo chão do trivial e durante o inusitado *kairós*. É comovente a experiência catártica a infundir/destilar um sentimento de deleite meio afeiçoado e meio desplugado. Daí o miocárdio da alma se saca e soluça: *acordei de um sonho estranho*. E não importa que não haja – ainda – San Vicente; afinal, *que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?*<sup>32</sup> – já dizia Paul Valéry. Eis a maior vantagem numinosa daquilo que é u-tópico e u-crônico (porque *a espera na fila imensa... as horas não se contavam*): há de haver *um sabor de chocolate no corpo e na cidade*.

Repica no peito pós-preito uma confissão comovida: *já estou com o pé nessa estrada* – um caminho de três vias (trivialis), comum às mais comezinhas esquinas. Qualquer lugar com a plenitude da *dymanis* de nenhum-lugar ainda... Qualquer instante também, pois *qualquer dia a gente se vê*. Só uma certeza sonhada: saber/sentir que *nada será como antes, amanhã*. Fervilha no crepúsculo da lida cotidiana um *alvoroço no coração* – aquela inquietude numinosa da confiança mágica: *amanhã ou depois de amanhã resistindo na boca da noite um gosto de sol*.

**Terceira visão desse movimento: o numinoso promove.** O extraordinário, por definição, transcende a expectativa de praxe e o experimento comum. Quando acontece esse fato e esse feito estranhos o indeterminado e o anárquico do real recebem um tratamento cosmético. Engendra-se um cosmos pelas veias da cultura mais sutil-e-sapiente, incluindo numinosidades através da religião e da música. Quando isso é gratuito, sem segundas intenções, a brincadeira é boa. Nesse sentido, beleza e originalidade são as gêmeas que providenciam recreações para o cio da serra do *Curral del Rei* – belo horizonte para a garotada da esquina. Só que esses garotos agora já *se acham mortais* e, por isso mesmo, *fogem de outro lugar... fogem para outro lugar*. Essa alteridade preside/proporciona a passagem de um

<sup>31</sup> MELLO, 2003, p. 162.

<sup>32</sup> VALÉRY, 1930, p. 256. *Que serions-nous donc sans le secours de ce qui n'existe pas?*

antes banal para um depois desejado. A *presença* da ausência/alteridade oportuniza, *do fundo da noite*, esperar/encontrar *um novo país* – desde que se saiba que *já é hora do corpo vencer a manhã*. Sem procrastinações.

As mobilizações de quem *viveu mistérios* são vistas desde *a janela lateral* – aquela ventana marginalizada, porém obstinada na vigilância e na militância histórica, *sem querer descanso, nem dominical*. Assim se exigia durante o regime de exceção há cinco décadas para o Clube da Esquina. Assim se carece hoje quando *cores mórbidas* estão a serviço de *homens sórdidos* causando *temporal* na república e na democracia de 2022. Assim se postará e se portará no porvir todo *cavaleiro* que, à margem, perguntará se *isso é tão normal*.

Uma certa numinosidade remove, comove e promove:  agrada pelo mo(vi)mento

## Referências

- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BORGES, M. **Os sonhos não envelhecem**. São Paulo: Geração Editorial, 2022.
- BORGES, S. **Árvore frondosa**. Depoimento. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/arvore-frondosa-45564>.
- CASTRO, R. **Publique-se a lenda**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1212200905.htm>. Acesso em: 01 out. 2022.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MARCELLINI, R. **Trilhas do Sabor**. Episódio 63, parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWP-cvJESuE>. Acesso em: 02 out. 2022.
- MARIA RITA PORTAL. Disponível em: <https://portalmariarita.wordpress.com/?s=Milton+Nascimento>. Acesso em: 12 out. 2022.
- MELLO, P. T. **Milton Nascimento e Lô Borges: clube da esquina** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MELLO, Z. H. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MERCÊS, B & GIMENEZ, L. **Sobre amigos e canções (abril/2008)**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=29XU703n2\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=29XU703n2_U). Acesso em: 01 out. 2022.
- MILTON NASCIMENTO e Orquestra Ouro Preto – Clube da Esquina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=meBIQ5ENoMY&t=1196s>. Acesso em: 29 set. 2022.

MULTISHOW. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-obTU9LFjI8>.

NUMEN. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/announcement/view/601>. Acesso em: 29 set. 2022.

OTTO, R. **O Sagrado**. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

REDE GLOBO. **Fantástico**. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2236948/>.

REDE GLOBO. **Faustão**. Arquivo confidencial, 1997. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=6s\\_YsUh5L4I](https://www.youtube.com/watch?v=6s_YsUh5L4I).

VALÉRY, P. **Variété II**. Paris: Gallimard, 1930.

VILELA, I. Nada ficou como antes. **Revista USP**, São Paulo, n. 87, setembro/novembro 2010, p. 14-27. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13827/15645>.

WIKIPEDIA. **Clube da Esquina**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube\\_da\\_Esquina\\_\(%C3%A1lbum\)#cite\\_note-8](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_da_Esquina_(%C3%A1lbum)#cite_note-8).

#### Post Scriptum I

Num súbito devorteio trupico e lasco um *haja hagiografia!!!* Ao me dar conta de uma geografia percorrível a pé evocando percursos de fé, arrasto você para visitar nomes citados e que trazem algum CEP (código de endereçamento poético-sacral) judaico-cristão. Em espaços belo-horizontinos um estafeta vocacionado para o Clube da Esquina perambulava por *escrituras sagradas*: Edifício LEVY, Edifício ARCÂNGELO Maletta, Cantina do LUCAS, Igreja de SÃO JOSÉ, Bairro SANTA TEREZA, Rua DIVINÓPOLIS, Rua PARAISÓPOLIS, SAN VICENTE...

E nos corações da garotada encontrar-se-iam seladas as bênçãos de mães e pai: MARIA do Carmo (mãe biológica do Bituca), MARIA (Maricota, mãe dos Borges), SALOMÃO (pai dos Borges)...

Sem contar outras pessoas que gravitaram em torno do Bituca na sua primeira dispensação da graça até 1972: MARCOS (Yé, 7º filho dos Borges), Agostinho dos SANTOS, KÁRITAS, PABLO, Eumir DEODATO, Nelson ÂNGELO, PAULO Moura...

#### Post Scriptum II

Escrevo nesta metade de outubro de 2022 e quase a metade das pessoas que votam no Brasil estão numa sinuca de bico, entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais. Sem pudores positivistas e avesso a um cientificismo asséptico diante das contingências inevitáveis da práxis política, faço questão de registrar meu posicionamento. Se você acha que em um artigo acadêmico não é conveniente esse tipo de parecer, não se avexe, desconsidere esse PS: Acho que muita gente acredita que o Cara ruim vai defenestrar o Koiso pior. Lamento. Muito. Sinto que a mistificação democrática (se) ilude, supondo que conseguirá exorcizar a picaretagem fascistóide. *Da janela lateral (quando eu falava dessas cores mórbidas, desses homens sórdidos, quando eu falava desse temporal), você não escutou.*

### Post Scriptum III

Confesso que fazer este artigo teve um diferencial marcante. Foi a primeira vez que senti, tão intensamente, a força do objeto de estudo afetando meu humor e o processo da pesquisa. Foram muitas as vezes que me perdi rindo, me encontrei chorando... Não imaginava, de antemão, quanto eu seria absorvido pelo assunto, chegando a me afastar da escrita por causa dos descaminhos (anti-metódicos) que, no entanto, me proporcionaram experiências de numinosidades inesperadas e já incorporadas. Sendo assim, tomo a liberdade de repassar para você uma lista (incompleta) dos links que consultei (e curti) durante a produção deste artigo. A lista não atende a nenhum ordenamento, é meio aleatória – como muita coisa que legítima nossa existência.

Dona Lília e Sr. Josino falam de Bituca

[https://www.youtube.com/watch?v=0dkDxvLC\\_Hw](https://www.youtube.com/watch?v=0dkDxvLC_Hw)

Relação entre Milton e a música

<https://www.youtube.com/watch?v=Rkj60MTTPrl>

Clube da Esquina continua ressoando na cultura mineira

<https://www.youtube.com/watch?v=Pl5YyVjCbWE>

Ponto de partida do grupo

<https://www.youtube.com/watch?v=Pl5YyVjCbWE>

Artistas queriam criar coisas únicas

<https://www.youtube.com/watch?v=Dho6eDzAurU>

Band Jornalismo. Entrevista com Márcio Borges

<https://www.youtube.com/watch?v=4M6qUDTAPMY>

Band Jornalismo. Entrevista com Toninho Horta

[https://www.youtube.com/watch?v=DcR9\\_Tk\\_R3c](https://www.youtube.com/watch?v=DcR9_Tk_R3c)

Band Jornalismo. Entrevista com Beto Guedes

<https://www.youtube.com/watch?v=QCi3YB36DgE>

Band Jornalismo. Entrevista com Wilson Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=o3KdJks15tY>

Wilson Lopes

<https://www.youtube.com/watch?v=y8alhX6TJQ0>

Centenas & Dezenas. Márcio & Lô

<https://www.youtube.com/watch?v=4LeMfaO2yDA>

Centenas & Dezenas. Ruas da cidade

<https://www.youtube.com/watch?v=xN-yZRxg1x0>

A MPB de Minas Gerais

<https://www.youtube.com/watch?v=SACaczm6gA4>

Pitadas do Sal

<https://www.youtube.com/watch?v=ZpiKLSdYjSg>

Daniella Zupo & Romero Carvalho

<https://www.youtube.com/watch?v=XUypJK-FeVY>

Zuza, Fernando e Ronaldo

<https://www.youtube.com/watch?v=t0WY2yzQhes>

Zuza e Fernando Brant

<https://www.youtube.com/watch?v=uZm5XiwIz3I>

Zuza e Ronaldo Bastos

<https://www.youtube.com/watch?v=hZUAeFNL9zg&t=1s>

Homenagem a Fernando Brant

<https://www.youtube.com/watch?v=e4gZkojHeo8>

Belo caso de amor. Márcio Borges

<https://www.youtube.com/watch?v=r40LIynkg5M>

Rede Globo. Jornal Nacional. 27/08/2022

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/27/espetaulo-conta-a-historia-do-clube-da-esquina-e-celebra-os-80-anos-de-milton-nascimento.ghtml>

Rafael Julião. Encontros, imagens e cruzamentos no álbum “Clube da Esquina” (1972)

<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/172817/167043>

Record TV Minas. Clube da Esquina 50 anos

<https://noticias.r7.com/minas-gerais/clube-da-esquina-50-anos> (acesso 02/10/2022)

Pedro Henrique Frasson Barbosa. História

<https://igormiranda.com.br/2022/03/clube-da-esquina-milton-nascimento-lo-borges-historia/>

Nalu Saad – Não eram só rimas

[https://open.spotify.com/episode/6NDTEBzYk4uGMLHkaBfSuK?go=1&sp\\_cid=a5af118f49fdcbec895317515d88ac46&utm\\_source=embed\\_player\\_p&utm\\_medium=desktop&nd=1](https://open.spotify.com/episode/6NDTEBzYk4uGMLHkaBfSuK?go=1&sp_cid=a5af118f49fdcbec895317515d88ac46&utm_source=embed_player_p&utm_medium=desktop&nd=1)

Em cada esquina (aspectos históricos do Bairro Santa Tereza)

<https://noticias.r7.com/minas-gerais/clube-da-esquina-50-anos/podcast-bairro-santa-tereza-em-bh-foi-berco-do-clube-da-esquina-15032022>

Káritas e Pablo

<https://aluziopalmar.blogspot.com/2012/10/ditadura-ameacou-matar-filho-de-milton.html>

Sr. Salomão conta detalhe: faltou energia e Maricota segurou uma vela

<https://www.youtube.com/watch?v=7DfNX0nOSds>

Luiz Mott

<https://luizmottblog.wordpress.com/milton-nascimento/>

Fala, Clê. Corredor 5. Uma história surpreendente que vivi de perto com Milton Nascimento.

<https://www.youtube.com/watch?v=cH81rvIKiAI>

Fala, Clê. Entrevista com Nivaldo Duarte (gravou e mixou o álbum Clube da Esquina).

<https://www.youtube.com/watch?v=hVd7mASLtGY&t=16s>

Regis Tadeu. Despedida e aposentadoria

<https://www.youtube.com/watch?v=ZMS7FgiVhgz&t=1031s>

Rafael Mori. História das duas canções “Clube da Esquina”

<https://365cancoesbrasileiras.wordpress.com/2019/02/04/35-nana-caymmi-clube-da-esquina-2/>

Depoimento de Maricota – Mãe do Clube da Esquina

<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/a-mae-do-clube-da-esquina-45522>

Milton fala de seu filho 'oculto' em show

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq090823.htm>

Entrevista com Bruna Lombardi

<https://www.youtube.com/watch?v=poGksxh3928>

Cantina do Lucas. Filé a cubana. Márcio Borges

[https://www.youtube.com/watch?v=YoODE1C3i7M&list=PLd2h7crJWbf4wsmn19s\\_3NpQ2s8AOgzyz&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=YoODE1C3i7M&list=PLd2h7crJWbf4wsmn19s_3NpQ2s8AOgzyz&index=6)

Márcio Borges revê “Jules e Jim”, de François Truffaut

<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/03/18/marcio-borges-reve-filme-que-provocou-mineiros-a-formar-clube-da-esquina.htm>

Fena Della Maggiora. Músicos de latinoamerica. TV argentina. Canal Encuentro.

<https://www.youtube.com/watch?v=pURUDnDVIFy&t=2263s>

Gabriel de Sá. Clube da Esquina é fruto da amizade

[https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/03/06/interna\\_cultura,1350171/clube-da-esquina-e-fruto-da-amizade-de-jovens-na-bh-dos-anos-1960.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/03/06/interna_cultura,1350171/clube-da-esquina-e-fruto-da-amizade-de-jovens-na-bh-dos-anos-1960.shtml)

Capa do álbum: Cacau & Tonho

<https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/05/08/noticias-musica,167489/historia-por-tras-do-album-clube-da-esquina-descoberta-pelo-em-rep.shtml>

Museu Clube da Esquina. <https://www.youtube.com/user/museuclubedaesquina>